



Universidades Lusíada

Bonifácio, Horácio, 1951-

Elias Sebastião Poppe : obra documentada

<http://hdl.handle.net/11067/1680>

Metadata

Issue Date 2015-10-26

Abstract Elias Sebastian Poppe foi um arquiteto e engenheiro militar activo em Portugal durante o século XVIII. Poppe trabalhou em importantes projetos, no centro de Lisboa (Baixa) após o terramoto de 1755, mas também desempenhou um papel importante, no tempo, como medidor e realizando levantamentos urbanos e arquitetónicos. Foi também responsável por trabalhos na área da arquitectura civil, nomeadamente na Igreja de Ourém. O artigo agora apresentado foi escrito usando um documento original encontrado n...

Keywords Poppe, Elias Sebastião - Biografia

Type article

Peer Reviewed No

Collections [ULL-FAA] RAL, n. 6 (2.º semestre 2014)

This page was automatically generated in 2024-10-11T14:44:52Z with information provided by the Repository

ELIAS SEBASTIÃO POPPE - OBRA DOCUMENTADA

Horácio Bonifácio

RESUMO

Elias Sebastian Poppe foi um arquiteto e engenheiro militar activo em Portugal durante o século XVIII.

Poppe trabalhou em importantes projetos, no centro de Lisboa (Baixa) após o terramoto de 1755, mas também desempenhou um papel importante, no tempo, como medidor e realizando levantamentos urbanos e arquitetónicos.

Foi também responsável por trabalhos na área da arquitectura civil, nomeadamente na Igreja de Ourém.

O artigo agora apresentado foi escrito usando um documento original encontrado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Lisboa), que documenta todo o trabalho de Poppe feito para o Estado e que era até agora praticamente desconhecido.

PALAVRAS-CHAVE

Arquitectura; Engenharia; Terramoto; Projecto; Medição; Vistoria.

ABSTRACT

Elias Sebastian Poppe was an architect and military engineer who worked in Portugal during the eighteen century.

Poppe worked in important projects in downtown Lisbon (Baixa) after the 1755 earthquake, but also played an important role at the time in measuring and making urban and architectural assessments.

He was also responsible for work in the area of Civil architecture, including the Church of Ourem.

The paper now presented was written using an original document found in the National Archives of Torre do Tombo (Lisbon), documenting all Poppe`s work done for the state and that it was until now practically unknown

KEY-WORDS

Architecture; Engineering; Earthquake; Project; Measurement; inspection.

Arquitecto activo no séc. XVIII, a figura de Elias Sebastião Poppe está fundamentalmente associada ao seu trabalho na reconstrução de Lisboa após o terramoto de 1755. Poppe é o responsável por duas das soluções apresentadas para a reedificação da Baixa antes da aprovação da proposta final.

Uma dessas propostas é realizada com a colaboração de José Domingos Poppe seu filho¹. Trata-se da designada planta nº2 (França, imp. 1987) que apresenta uma malha ortogonal com alguma regularidade entre o Rossio e o Terreiro do Paço, introduzindo uma terceira pequena praça entre aquelas duas e insistindo na ideia da mudança de orientação

1 Sobre este filho de Elias Poppe, praticante de engenharia, só se conhece esta colaboração com o pai. É possível que ao longo do processo de realização dos diferentes projectos para Lisboa após o terramoto se tenha mantido esta colaboração.

dos quarteirões na zona da antiga rua Nova dos Ferros, alterando o sentido longitudinal das ruas principais desde o Rossio até àquela via².

Em relação à outra proposta, designada como planta nº 6 (França, imp. 1987) é realizada apenas por Elias Poppe e constitui-se como um esquema urbano extremamente interessante com uma malha ortogonal ainda mais regular, com uma ligação muito clara às duas encostas, do Castelo e do Chiado, enunciando um esquema em que ruas secundárias transversais seriam mais largas do que as principais, numa clara opção de criação de uma surpresa dinâmica ainda muito próxima dos modelos barrocos.

Artista pouco conhecido, todavia, a actividade deste interveniente na reconstrução de Lisboa teria que ser muito mais vasta do que a colaboração nos planos para a cidade após o terramoto de 1755.

Na realidade, o trabalho de Elias Poppe, é muito mais alargado, como comprova um documento depositado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Portugal. Ministério do Reino, 1783, mç. 84) em que a sua mulher “[...] D. Elena Michaela de Queiros e Suas filhas D. Maria Apolinaria de Azevedo Poppe [...] e D. Luiza Clara Maria Isabel Gertrudes de Azevedo Poppe” (Portugal. Ministério do Reino, 1783, mç. 84) solicitam a promoção a coronel, que Elias Sabastião Poppe tinha pedido antes de falecer e que não tinha sido despachada.

Este documento, um Decretamento de Serviços, refere, naturalmente apresentando os comprovativos, os trabalhos realizados por Poppe para o Estado como engenheiro militar, desde 10 de Outubro de 1724, quando entrou como discípulo supranumerário da Academia Militar, até à data da sua morte em 1 de Julho de 1778, com o posto de Sargento Mor de engenharia.

Como a grande maioria dos seus coetâneos ligados à arte da construção, Elias Sebastião Poppe, além de engenheiro, foi também arquitecto civil, nomeado como Aprendiz de Arquitectura em 1740 e como arquitecto Supranumerário das obras dos Paços e quintas, por falecimento de João Carlos Bibiena, em 1754. Poppe foi ainda arquitecto da Casa de Bragança, nomeado em 1777, embora já desempenhasse este cargo antes desta data.³

Assim, em 1728, já aprendiz numerário, é incumbido pelo Engenheiro Mor do reino, à época Manuel de Azevedo Fortes, para fazer as “[...] Medicoes desta Cidade de Lisboa, e seu Circuito e para a Construção da Planta della, e da Igreja, e convento de Nossa Senhora da Boahora, e de S. Joze com todos seus pertences [...] depois do que marchou [...] para as obras do Real Convento de Mafra [...]” (Portugal. Ministério do Reino, 1783, mç. 84), onde esteve cerca de um ano.

O documento revela que, em 1734, Elias Poppe, tendo terminado a sua formação, é nomeado Ajudante de Infantaria com exercício de engenheiro, e neste posto, em 1739, fez “[...] a planta de hum Armazem de pólvora com seus perfis, e elevações para as Praças de Almeida e de Penamacor [...]” (Portugal. Ministério do Reino, 1783, mç. 84). Trata-se, portanto, dos projectos dos paióis destinados àquelas fortificações da Beira.

O paiol de Almeida ainda existe, sendo impossível confirmar se é o do início de setecentos projectado por Poppe. Situa-se na área do revelim de Santa Bárbara, ou do paiol, estrutura de defesa composta actualmente pelas faces, com guarita no ângulo do flanco e tendo os

2 Na realidade, em quase todas as plantas e particularmente no projecto final, a direcção dos quarteirões, que tem um sentido longitudinal até à actual R. da Conceição, passa a ser transversal, acompanhando um esquema idêntico ao já existente antes do terramoto. Esta alteração de direcção é, alias, um dos aspectos mais interessantes da malha pombalina que adquire assim um carácter mais dinâmico.

3 No Documento que estamos a analisar existem cópias de todas estas nomeações, e referências à sua actividade como arquitecto civil.

paramentos virados à praça, com rampa e escadas de dois lanços de acesso ao terraplano. Este é delimitado por estacas de madeira e arame. Nele ergue-se o paiol de planta rectangular e cobertura em telhado de duas águas, rematado com um simples beirado. As fachadas, em alvenaria de pedra, são rasgadas por portas rectangulares e por um vão quadrangular.

A Praça de Penamacor ainda mostra actualmente restos do seu castelo, mas nas poucas construções que ainda subsistem é impossível determinar se ainda existe algum vestígio do Armazém da Pólvora, mas o mais provável é ter desaparecido.

Cinco anos mais tarde, em 1739, realiza uma cópia de parte da costa do Algarve com a “[...] delineação de huma nova Fortaleza para defesa da Barra de Faro, e Olhão [...]” (Portugal. Ministério do Reino, 1783, mç. 84). Na mesma altura foi chamado a delinear, no sítio da Nazaré, um muro que impedisse “[...] as areas, que se levantvão com o vento Norte, para estas não cobrirem a Igreja da mesma Senhora [...]” (Portugal. Ministério do Reino, 1783, mç. 84).

Em 1748 foi enviado a Mafra assistir às medições do “[...] Real Templo, e suas adherencias, sendo além das ditas medições, encarregado da escrita dellas, ajuntamento das suas contas, e factura da sua Certidão [...]” (Portugal. Ministério do Reino, 1783, mç. 84). Nesta função, que adquire uma relevância significativa nas obras reais desta época, e para a qual se escolhem quase sempre profissionais conceituados e experientes, Poppe esteve nesta altura por duas vezes, primeiro um ano e depois dois meses.

Ainda antes do terramoto, Poppe desempenhará, noutras ocasiões, as funções de medidor em obras de grande importância, como é o caso do Hospital das Caldas da Rainha, em 1749, e do Palácio das Necessidades, em 1750.

Quer num caso como no outro, como tinha sucedido em Mafra, além de assistir às medições é encarregado do “[...] ajustamento das suas contas, e a certidão da sua medição [...]” (Portugal. Ministério do Reino, 1783, mç. 84).

Outras obras em que Poppe participou como medidor, em data não referida no documento, foram as “[...] Reais obras do Arcenal Real, e Praça do Comercio [...]” (Portugal. Ministério do Reino, 1783, mç. 84).

Em todas as medições referidas, Poppe normalmente não as realiza sozinho, pois desde 1745 é nomeado juntamente com importantes nomes da cultura arquitectónica do tempo, como Carlos Mardel, José Sanches da Silva, Rodrigo Franco, Eugénio dos Santos e Manuel da Costa Negreiros para “[...] todos seis, juntos, unanime, e indiferentemente meçam e avaliem [...] não só as suas Reais obras em geral, mas todas as que forem feitas pelas despesas dos Tribunais desta corte[...]”⁴

Em 1749 Poppe é, ainda, encarregado da realização de uma “[...] Nova Carta Corografica da America [...]” (Portugal. Ministério do Reino, 1783, mç. 84), segundo as informações dadas por Alexandre de Gusmão.

Poppe é também chamado a trabalhos demonstrativos da gama diversificada de funções que a generalidade dos arquitectos e engenheiros militares normalmente desempenhavam nesta época. Assim, em 1744, assistiu às “[...] medições das pedras, q o Concelho Ultramarino mandou para o ultramar [...]” (Portugal. Ministério do Reino, 1783, mç. 84). Provavelmente

4 ANTT Doc transcrito em Bonifácio, H. (1990) Polivalência e Contradição- Tradição seiscentista, o Barroco e a inclusão de sistemas ecléticos no séc. XVIII- a segunda geração de arquitectos, tese de Doutoramento, Lisboa, Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, pág 97. Esta medida parece ter sido tomada devido aos erros e desvios habituais nas medições das obras públicas, normalmente com claro prejuízo para o Estado. Importa salientar que geralmente os medidores tinham ligações ao projecto que mediam, podendo ser os próprios autores.

estas pedras iriam para o Brasil, como era vulgar nesta altura, com destino às obras de edifícios, normalmente igrejas, que seriam construídas naquele território⁵.

Em 1753 “[...] assistio à vistoria, que se fes no Sualco a São Pedro de Alcantara” (Portugal. Ministério do Reino, 1783, mç. 84), e em 1754 foi encarregado de ir à Fortaleza de S. Julião da Barra “fazer huma vistoria das novas obras principiadas para a a reedificação desta Fortaleza, exame de pedrarias, Materiais, numero de Operarios, Carros de transportes, e mais aprestos, que os Empreiteiros tinham promptos, e havião rematado na Junta dos Tres Estados com assistencia do Suplicado [...]” (Portugal. Ministério do Reino, 1783, mç. 84). No mesmo ano foi a Tomar “[...] examinar as ruinas co Convento da Ordem de Christo” (Portugal. Ministério do Reino, 1783, mç. 84).

Poppe foi, também, nomeado Intendente das Jóias Reais “[...] para mandar fazer e alimpar por quem lhe parecesse [...]” (Portugal. Ministério do Reino, 1783, mç. 84).

O Documento refere, ainda, a incumbência da realização de um levantamento de uns terrenos junto a Colares, em 1776, para resolução de um pleito entre proprietários de quintas (Portugal. Ministério do Reino, 1783, mç. 84).

Depois de 1755, como muitos dos architectos activos naquela época, Elias Poppe desempenha a importante actividade de examinar e vistoriar edifícios que sofreram danos com o terramoto.

Assim, em 4 de Outubro de 1756, Elias Poppe é chamado a examinar as ruinas das Necessidades e no ano seguinte é nomeado para a “[...] vistoria, e medição do edificio incendiado da casa da Ópera Real na rua da Tanoaria [...]” (Portugal. Ministério do Reino, 1783, mç. 84).

Em 1756 realiza também medições “[...]das obras q se fizeram nos Reais Passos de Salvaterra de Magos [...]” (Portugal. Ministério do Reino, 1783, mç. 84), e em 1764 “[...] fes o exame, e medição das obras da capella de S. Benedicto na Igreja de S. Francisco de Xabregas, e de S. Vicente de fora, e do Convento de Santos, e da ponte de Alcantara [...]” (Portugal. Ministério do Reino, 1783, mç. 84). Naturalmente, não sabemos se este desempenho está relacionado com estragos aquando do terramoto, ou se se integram na actividade normal do architecto.

A época áurea do Paço de Salvaterra decorre efectivamente no reinado de D. José I, nos primeiros anos da década de 50, quando se inicia um vasto plano de remodelação e ampliação do conjunto edificado, que incluía a construção de uma Casa de Ópera. Esta Casa de Ópera, foi inaugurada a 21 de Janeiro de 1753 e neste edificio tiveram lugar várias representações musicais e teatrais durante os longos períodos que a família real passava naquela vila ribatejana.

O terremoto de 1755 viria a provocar consideráveis estragos no Paço e foram efectuadas obras de recuperação logo após 1755, dirigidas por Carlos Mardel. Pode ser a estas obras que está associada a presença de Poppe, como refere o documento que temos utilizado.⁶

Acapela de S, Benedito na igreja de S. Francisco de Xabregas é hoje impossível de identificar.

Este Convento, da Ordem de S. Francisco, também designado como de Santa Maria de Jesus, fundado em 1460 pela condessa de Atouguia, D. Guiomar de Castro, foi edificado em terrenos do antigo Paço Real de Xabregas, provavelmente já arruinado nesta altura.

⁵ Sabemos que em diversas situações terão ido projectos de arquitectura feitos em Lisboa e destinados a obras a realizar no Brasil. O envio de pedra, certamente de qualidade superior, também aparece em diversa documentação pelo menos até ao fim de setecentos.

⁶ O Paço Real, os seus Jardins, o próprio Teatro de Ópera e uma Arena de Touradas foram destruídos num grande incêndio em 1824.

Embora, ainda reste desta construção uma fachada rectangular de grandes dimensões com a frontaria da igreja ao centro, resultado de uma recuperação quase total levada a cabo após a destruição provocada pelo terramoto, o convento extinto depois de 1834, e inicialmente utilizado como aquartelamento, foi sendo descaracterizado devido às sucessivas ocupações por instalações de feição fabril, como a Fiação de Tecidos de Algodão Lisbonense, a Fábrica de Tabacos Lisbonense, posteriormente Companhia Portuguesa de Tabacos, empresa que ocupa o edifício até meados do século XX. Actualmente parte do espaço é utilizado pelo Teatro Ibérico.

As obras no Convento de Santos, bem como as de São Vicente de Fora, são impossíveis de determinar.

O documento refere a realização de uma “[...] planta de parte desta cidade de Lisboa, e seus subúrbios [...]” (Portugal. Ministério do Reino, 1783, mç. 84) no ano de 1756, em colaboração com Carlos Mardel, por ordem de Manuel da Maia. Naturalmente que este trabalho estará relacionado com a reconstituição da cidade, cujos projectos se estão a efectivar durante este ano. Com o mesmo Mardel, Elias Poppe foi nomeado para, em 1759, demarcar o terreno para a construção do “[...] novo Real Palacio de Lisboa, [...]” (Portugal. Ministério do Reino, 1783, mç. 84) que ainda nesta altura se programava para a zona arruinada da antiga da cidade.

Além do trabalho relacionado directamente com o terramoto Elias Sebastião Poppe continuou ao longo da 2ª metade de setecentos a desempenhar as diversificadas tarefas próprias da sua profissão.

Assim, em 1760 e 1761, foi várias vezes vistoriar as Fortalezas da barra de Lisboa, “[...] Fortes de huma, e outra banda do Tejo, Praça de Peniche, Fortaleza da Berlenga, suas Artelharias, Municoens de guerra[...]e fazer a separação do Terreno do forte da Arealva [...]” (Portugal. Ministério do Reino, 1783, mç. 84). Nestas estruturas defensivas Poppe foi também várias vezes assistir às arrematações das suas obras, medições, e inspecções, fazendo o mesmo nas obras das calçadas e dos quarteis dos “[...] Regimentos da Cavallaria da corte [...]” (Portugal. Ministério do Reino, 1783, mç. 84).

Em 1761, foi nomeado para assistir “[...] efectivamte á obra de concerto da Torre de Belem [...]” (Portugal. Ministério do Reino, 1783, mç. 84), provavelmente como resultado dos estragos provocados pelo terramoto.

Já com o posto de Sargento Mor, em 1762, trabalhou na praça de Cascais, na “[...] dellineação, e asistencia da factura das obras da mesma praça [...] e indo muitas vezes por ordens do governador da dita Praça o Marquês de Lavradio, seu Superior D. Thomas da Silveira correr os Fortes da sua Repartição, mandando levantar novas baterias nas partes que o carecião, para sua melhor defença [...]” (Portugal. Ministério do Reino, 1783, mç. 84).

Naturalmente que se tratará da campanha de obras levada a cabo na quase totalidade dos fortes da Barra de Cascais, devido a medidas de prevenção tomadas no contexto da Guerra dos Sete Anos. Também existiram nos diferentes fortes da zona obras de reparação devido aos efeitos do terramoto, contudo, no caso referido no Documento, certamente tratou-se de obras de alteração das fortificações de modo a modernizá-las para a eventualidade de serem utilizados por causa daquele conflito. Acresce que a data de 1762 já é muito tardia para se fazerem reparações provocadas pelo abalo sísmico em edifícios militares de importância estratégica relevante como era todo o conjunto de fortificações da vasta e estratégica barra de Cascais.

Provavelmente no mesmo ano foi enviado para Trás-os-Montes para vistoriar as praças daquela província, examinar o seu estado de ruína e providenciar “[...] o modo e orçamento da despeza, que custaria a sua reedificação [...]” (Portugal. Ministério do Reino, 1783, mç. 84).

Ainda dentro das funções normalmente associadas à área da engenharia, sabemos, sempre pelo mesmo documento, que Elias Poppe projectou, em 1766, casas da pólvora; “[...]huma planta com seus alçados, e perfil, debaixo da qual, e da inspecção do Suplicado se fizeram os receptáculos, que estão em cada hum dos Regimentos de Infantaria, e cavalaria da Corte para a pólvora, que gastão nos exercícios [...]” (Portugal. Ministério do Reino, 1783, mç. 84).

Elias Sebastião Poppe desempenhou, ainda, a relevante função de examinador dos alunos da Aula de Academia Militar, dos futuros engenheiros militares. Cumpriu esta incumbência, pelo menos entre 1758 a 1766.⁷

Elias Poppe desempenhava também as funções de arquitecto civil para as quais tinha formação específica, como sabemos.

Assim, em 1765, foi nomeado “[...] para continuar a reedificação da Colledgeada da Villa de Ourém, para o que fes os riscos presizos, especialmente para todo o interior da Capella Mor, seu Retabulo, Tribunas, Bacia do Orgão, que lhe corresponde, sua serventia, e Capellas Collaterais, e pella parte exterior as duas Torres na sua Frontaria, o Adro com suas escadas, e tudo o mais que foy presizo para inteiro complemento daquela obra, que dirigio, e lhe fes taobem Sua medição em tres diferentes tempos, em que para esse fim, e para a sua reedificação passou à dita Villa [...]” (Portugal. Ministério do Reino, 1783, mç. 84).

Além da obra na igreja foram realizados outros trabalhos em Ourém, na mesma altura, e também associados a Poppe, designadamente “[...] Casas da Camera, cadeyas, e Casas da Rezidencia do Prior [...]” (Portugal. Ministério do Reino, 1783, mç. 84).

Daqui se conclui que a obra da igreja de Ourém que tinha sido inicialmente encomendada a Carlos Mardel, como arquitecto da Casa de Bragança, só foi concluída depois da morte daquele, e precisamente por Elias Poppe. Flórido de Vasconcelos, no seu ainda hoje fundamental trabalho sobre Carlos Mardel, confirma esta situação, quando refere que em 1765, depois da morte de Mardel, ainda estão por realizar as torres e o interior do edifício (Vasconcelos, 1955)

Portanto, Mardel terá sido o autor do projecto inicial, sendo o responsável pela definição geral das obras de reedificação, mas Pope acaba por ser o autor da capela-mor, das torres sineiras e do acesso à entrada principal.

A igreja constitui-se a partir de uma nave rectangular, no prolongamento da qual se desenvolve a capela-mor de terminação poligonal. A ampla nave é ladeada por capelas laterais e coberta por uma abóbada abatida antecedida de um clerestório com grandes aberturas. Uma cornija saliente corre ao longo de toda a nave, separando-a do clerestório e prolongando-se pela capela-mor. Dois púlpitos colocados no centro da nave são os únicos elementos que denotam algum cuidado decorativo, designadamente no baldaquino ornamentado com motivos concheados.

Dois arcos apoiados em pilastras duplas, funcionando como um arco de triunfo, fazem a ligação da nave com a capela-mor. A capela-mor é a zona mais animada do interior do edifício. A parede do fundo tem forma poligonal, sendo as faces do polígono ligadas por pilastras unidas em ângulo formando uma concavidade. Os muros são razoavelmente movimentados e ritmados, mercê dos ressaltos causados pelos prolongamentos das pilastras por cima do entablamento. Um retábulo, emoldurado por elementos decorativos de feição rococó, ocupa o centro da parede de fundo. As janelas que se abrem na face do polígono e nas portas da tribuna são sobrepujadas por elegantes frontões recurvados. A tribuna é constituída por uma balaustrada curva ondulante.

⁷ Pelo menos as certidões que aparecem no documento que se está a analisar reportam a este intervalo de tempo

No exterior, a fachada principal, encimada por um grande frontão triangular, é ladeada por duas torres vazadas nas bases, terminadas num corpo sineiro com aberturas simples e cobertura constituída por secções cilíndricas pouco volumosas encimadas por uma urna. Três arcos peraltados apoiados em pilastras dão acesso à galilé. Sobre esta desenvolvem-se três simples janelões rectangulares.

Em frente da frontaria define-se um pequeno adro, cujo acesso é feito através de uma escadaria, constituída por dois lanços um defronte do outro.

A igreja de Ourém apresenta-se, assim, como um edifício de grande sobriedade, recorrendo a formas depuradas e simples, sintoma já das características daquilo que se pode designar como arquitectura pombalina, constituindo-se a capela-mor, curiosamente realizada sob a direcção de Elias Sebastião Poppe, como a estrutura mais presa a conceitos ainda próximos do Barroco e do Rococó.

No ano seguinte Poppe teve uma intervenção na cadeia do Limoeiro por Ordem do Marquês de Pombal que “[...] mandou fazer a nova Enfermaria da Cadea do Limoeiro, concertos a que estava servindo, e abrir onze janelas para correspondência do Ar, no que as Enxovias experimentarao melhoramento conhecido. [...]” (Portugal. Ministério do Reino, 1783, mç. 84).

Poppe, trabalhando ainda para a Casa de Bragança, foi também encarregado, mais tarde, em 1777, de delinear uma obra no cais de Sacavém, designadamente “[...] a obra, que era presiza no Cais para o melhor uso da barca [...] como taobem huma Caza no mesmo Cais para acobrança dos dereitos [...]” (Portugal. Ministério do Reino, 1783, mç. 84).

Elias Sebastião Poppe constitui-se como um caso típico de um homem ligado à arquitectura que simultaneamente desempenha os cargos oficiais de engenheiro militar e arquitecto civil, tendo obtido formação nas escolas próprias; A Aula de Fortificação e a Aula da Ribeira.

Nestas escolas, além da tratadística e a geometria de feição clássica mais consolidada, os estudantes praticavam a sua arte começando a trabalhar enquanto ainda se formavam. Os alunos da aula de Fortificação tinham, ainda, uma preparação de qualidade no campo das ciências matemáticas, um pragmatismo que lhes permitia olhar para a arquitectura como um processo que privilegiava os pressupostos construtivos e estruturais.

Esta formação marcou, pelo menos desde o séc. XVII, a generalidade dos arquitectos portugueses, visto que a maioria também tinha formação na área da engenharia, o que condicionava a sua prática profissional e as características da arquitectura portuguesa, particularmente aquilo que podemos designar como arquitectura chã e que se constitui como um período de longa duração, que sobrevive inclusivamente às experiências barrocas, onde as grandes linhas definidoras daquela arquitectura nunca desaparecerão completamente.

A aprendizagem na Aula Militar, rigorosa e pragmática, vai marcar sucessivas gerações de homens, que além da prática como arquitectos militares, tiveram uma importante intervenção na arquitectura civil, tendo a sua mentalidade influenciado muito do que se construiu em Portugal durante um longo tempo.

Elias Sebastião Poppe é de algum modo uma figura reveladora desta situação.

Interessante é analisar uma obra teórica, de sua autoria, escrita à volta de 1734, provavelmente quando terminou a sua formação na Aula de Fortificação, com o título: “Elementos das Mathematicas ou Principios Gerais de todas as Sciencias que tem por objecto a Grand^a em geral”. Trata-se de um texto manuscrito, um tratado de Matemática, integrado dentro do tipo de escritos da época em que a geometria adquiria um papel relevante aplicada à arquitectura civil e militar. Interessante é o conceito exposto pelo autor na Introdução do

seu trabalho: “He mto importante aos q principião o estudo das mathematicas, ou de qualquer outra sciencia, o costumarem-se a fazer uso do entedimto puro, sem intervenção dos sentidos ou da imaginação; q são cauza de mtos erros” (Poppe, 1734).

Embora o volume mais significativo de trabalho de Poppe tenha sido realizado na área da arquitectura militar e da cidade, que pelo menos até ao séc. XIX era da exclusiva responsabilidade dos engenheiros militares, o que resta de seguramente atribuível a este autor enquadra-se na prática da arquitectura civil, designadamente a obra na colegiada de Ourém. Sendo apenas um caso isolado, não deixa, contudo de apontar para uma estética ainda próxima do Barroco, embora já temperada pela sobriedade e depuração do pombalino, nomeadamente quando se transforma uma parede que poderia ser curva, numa superfície poligonal, o que, também, se liga bem como pensamento de um profissional formado na Aula Militar. Todavia, a sua proposta para a baixa (conhecida como planta nº 6) será talvez a que ainda se aproxima significativamente dos pressupostos do barroco, o que ,também, contribui para tornar Elias Poppe um dos mais interessantes e ecléticos autores do seu tempo.

REFERÊNCIAS

- FRANÇA, José Augusto (imp. 1987) - Lisboa pombalina e o Iluminismo. 3.^a ed., revista e actualizada. Venda Nova : Bertrand.
- POPPE, Elias Sebastião (1734) - Elementos das mathematicas ou principios gerais de todas as sciencias que tem por objecto a grand^a em geral [Manuscrito]. [16] f., 480 p. Acessível na Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa, Portugal. COD. 5659.
- PORTUGAL. Ministério do Reino (1783) - Negócios militares: decretamentos de serviços, maço 84 [Manuscrito]. 1 maço de papel. Acessível no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa, Portugal. Ministério do Reino, Decretamentos de Serviços, mç. 84.
- VASCONCELOS, Flório Teles de Menezes e (1955) - Carlos Mardel: elementos para a história da arquitectura portuguesa do séc. XVIII. Lisboa : [s.n.]. 115 f. Trabalho final da licenciatura em Ciências Históricas e Filosóficas apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Acessível na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Portugal.

HORÁCIO MANUEL PEREIRA BONIFÁCIO

Horácio Manuel Pereira Bonifácio nasceu em 1951. É Licenciado em História, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Doutorado em Arquitectura (especialidade História da Arquitectura), pela Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, com uma Tese sobre os arquitectos portugueses da 1^o metade do séc. XVIII. Foi docente da Faculdade de Arquitectura da UTL desde 1978, até 2011. Desde 1993 é Professor Catedrático, da área de Teoria e História da Arquitectura na Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa. Leccionou, também, na Universidade Lusíada do Porto.

É investigador integrado no Centro de Investigação em Território, Arquitectura e Design (CITAD), da Universidade Lusíada, coordenando um a linha de Investigação na área de Teoria e História

Tem participado em diversos congressos e reuniões científicas em Portugal e no estrangeiro.

Tem vários trabalhos publicados na área da História da Arquitectura portuguesa dos séculos XVI, XVII e XVIII, dedicando maioritariamente a sua investigação à temática do Barroco e particularmente à questão da formação e actividade profissional dos arquitectos daquela época.

Desempenhou funções de gestão na Faculdade de Arquitectura e é actualmente Director da Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa